

A LEITURA NO MUNDO DIGITAL: A IMPORTÂNCIA DA DISCIPLINA CULTURA DIGITAL NA FORMAÇÃO DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO INTEGRAL

Adriana Teixeira Alves¹

Resumo: Este trabalho analisa as percepções de educandos do 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública de tempo integral sobre a disciplina Cultura Digital e sua contribuição para o desenvolvimento da leitura crítica no ambiente digital. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, realizada por meio da aplicação de um questionário estruturado com perguntas fechadas. Os resultados indicam que, embora a maioria dos alunos tenha tido contato com a disciplina, muitos ainda não conseguem associá-la diretamente à construção de uma leitura crítica das mídias digitais. Questões como falta de material didático, infraestrutura limitada e formação docente insuficiente foram apontadas como obstáculos à efetividade da proposta curricular. Apesar das dificuldades, os educandos demonstram reconhecer a importância da disciplina. Conclui-se que a Cultura Digital possui grande potencial formativo, mas sua atuação ainda demanda aprimoramentos pedagógicos e estruturais para contribuir efetivamente com o letramento digital crítico no contexto escolar contemporâneo.

Palavras-chave: Leitura; Cultura Digital; Ensino Médio.

Área Temática: Tecnologias e Educação

INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo em que a cultura digital ocupa um espaço cada vez mais presente nas nossas relações. Ela se manifesta como um ambiente dinâmico de trocas, onde sentidos são criados, transformados e compartilhados constantemente. Nesse cenário, em que tudo acontece de forma muito rápida e as mídias se interconectam o tempo inteiro, as pessoas não apenas consomem, mas também produzem e difundem informações. Pierre Lévy (1993, 1999) chama esse fenômeno de “inteligência coletiva”, uma construção colaborativa que amplia as possibilidades de expressão e criação dos sujeitos em rede.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2002), é fundamental que os estudantes desenvolvam a capacidade de buscar, analisar e selecionar

¹ Doutoranda em Letras na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG). Belo Horizonte- MG. E-mail: adrilucas@gmail.com. <https://lattes.cnpq.br/6954201761006230>. <https://orcid.org/0000-0001-7106-5176>.

informações, indo além da simples memorização. No entanto, diante do ritmo acelerado em que as informações circulam atualmente, principalmente nos meios digitais, os educandos têm dificuldade em desenvolver uma leitura mais crítica e reflexiva.

É nesse contexto que a escola ganha ainda mais importância. Os adolescentes do Ensino Médio já estão imersos em ambientes digitais desde muito cedo. No entanto, nem sempre têm apoio para compreender criticamente os conteúdos com os quais interagem. Essa realidade torna urgente o papel da escola em promover a formação de leitores que consigam interpretar os discursos digitais e perceber as intenções, os contextos e os valores que estão por trás das mensagens.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece esse desafio ao incluir a Cultura Digital entre suas dez competências gerais. Essa competência busca integrar o uso das tecnologias digitais à formação ética e cidadã dos estudantes, incentivando uma postura crítica, reflexiva e significativa diante das tecnologias. Como afirma o documento, espera-se que os alunos sejam capazes de “[...] utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais” (Brasil, 2017a, p. 9).

É nesse ponto que a disciplina Cultura Digital se mostra relevante. Ela permite uma aproximação entre o currículo escolar e a realidade tecnológica vivida pelos alunos. Ao tratar de temas como redes sociais, algoritmos, desinformação e cidadania digital, essa disciplina se configura como um espaço privilegiado para o desenvolvimento de práticas de leitura crítica. Mas, para que isso aconteça de forma efetiva, é essencial considerar a percepção dos próprios estudantes — afinal, são eles os protagonistas desse processo.

Esta pesquisa nasce justamente da necessidade de ouvir esses jovens. O objetivo é compreender como os estudantes do 1º ano do Ensino Médio de uma escola de tempo integral percebem a disciplina Cultura Digital e de que forma a relacionam com suas práticas de leitura. Essa escuta nos ajuda a avaliar até que ponto a proposta da BNCC tem sido efetiva e quais caminhos podemos seguir para tornar o trabalho pedagógico mais coerente com os desafios do nosso tempo.

Do ponto de vista das neurociências, o chamado “raciocínio motivado” ajuda a entender por que as pessoas tendem a acreditar e compartilhar informações que reforçam suas crenças (Bago et al., 2020). Isso reforça ainda mais o papel da escola em ajudar os estudantes a analisarem e questionarem as informações que recebem, superando uma postura passiva diante do que circula online.

A pedagogia crítica de Paulo Freire oferece contribuições valiosas nesse debate. Freire nos lembra que educar é provocar a reflexão e a autonomia. Para ele, é essencial “[...] não estarmos demasiadamente certos de nossas certezas” (Freire, 2002, p. 14). O professor, nesse sentido, é aquele que provoca o pensamento, que convida o aluno a se tornar sujeito do seu próprio processo de

aprendizagem. Como afirma o autor (Freire, 2002, p. 13), “inexiste validade no ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado”.

Na mesma linha, Saviani (2012b) nos alerta que o conhecimento nunca é neutro. Todo ato educativo carrega intenções e está atravessado por ideologias. Quando a escola reconhece isso, ela se afasta da simples transmissão de conteúdos e passa a formar sujeitos críticos, capazes de compreender e transformar o mundo.

Analisar criticamente a Competência Cultura Digital da BNCC, é buscar formas de torná-la mais próxima da realidade dos estudantes, mais participativa, mais dialogada. Como nos ensina Freire (1994), educar é um ato de liberdade — não de domesticação. Trabalhar com tecnologias digitais na escola precisa ser um processo construído com os alunos, e não sobre eles.

Castells (1999) também nos ajuda a entender esse momento que vivemos: uma sociedade em rede, onde as relações acontecem interligadas, mesmo quando não estamos conectados fisicamente. Nesse cenário, formar leitores críticos é essencial. Mais do que acessar conteúdos, é preciso saber interpretá-los, analisá-los, e assumir uma postura ativa diante da multiplicidade de vozes que disputam atenção no mundo digital.

Diante disso, a pergunta que norteia este trabalho é: **como os educandos do 1º ano do Ensino Médio percebem a contribuição da disciplina Cultura Digital para o desenvolvimento da leitura crítica no ambiente digital?**

OBJETIVO

Geral:

Analisar as percepções dos educandos de uma turma 1º ano do Ensino Médio de uma escola de tempo integral sobre a disciplina Cultura Digital, com ênfase em sua contribuição para o desenvolvimento de práticas de leitura crítica no contexto das tecnologias digitais.

Específicos:

- Investigar como os educandos do 1º ano do Ensino Médio percebem a disciplina Cultura Digital em sua formação escolar.
- Analisar de que forma a disciplina Cultura Digital contribui para o desenvolvimento da leitura crítica no ambiente digital.

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa (GII, 2002), com o objetivo de compreender as percepções dos educandos sobre a disciplina Cultura Digital e sua contribuição para o desenvolvimento da leitura crítica no ambiente digital.

A investigação foi realizada em uma turma do 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública de tempo integral. Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se um questionário estruturado, composto por perguntas fechadas, elaborado com o intuito de explorar a visão dos educandos sobre os conteúdos

abordados, suas experiências de leitura no contexto digital e suas percepções quanto à relevância da Cultura Digital para sua formação crítica.

O questionário foi aplicado presencialmente em sala de aula, com autorização da escola e consentimento dos alunos. As respostas foram analisadas com base na técnica de análise de conteúdo, buscando identificar categorias e padrões que evidenciem suas compreensões e experiências com a disciplina.

O sigilo e o anonimato dos participantes foram assegurados em todas as etapas da pesquisa, respeitando os princípios éticos na produção de dados com seres humanos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados revelam uma percepção ainda incipiente por parte dos educandos da turma alvo sobre a disciplina Cultura Digital e sua relação com a leitura crítica no ambiente digital. A maioria dos alunos (80%) afirmou já ter tido contato com a disciplina, indicando sua presença no currículo escolar. No entanto, a predominância de respostas como “parcial”, “indiferente” ou “raramente” quanto ao interesse pelas aulas, à relevância dos conteúdos e à contribuição para reflexões críticas evidencia um descompasso entre o potencial formativo da disciplina e sua efetiva apropriação pelos estudantes.

Esse cenário pode ser explicado por fatores contextuais, como ausência de material didático estruturado, acesso precário à internet na escola e formação docente limitada em cultura digital — elementos que comprometem uma vivência significativa da disciplina. A falta de recursos e infraestrutura impacta diretamente na qualidade das atividades realizadas e no engajamento dos estudantes, refletindo-se em baixos níveis de motivação e dificuldade em perceberem a relevância da disciplina.

Outro aspecto relevante é que, embora 90% dos estudantes acessem a internet diariamente, a prática da leitura crítica digital é pouco desenvolvida: a maioria não verifica a veracidade das informações que consome, não utiliza ferramentas de checagem de fatos e não identifica com clareza a contribuição da disciplina nesse aspecto. Isso demonstra que o uso frequente das mídias digitais não se traduz automaticamente em competência crítica — reforçando a importância de intervenções pedagógicas mais intencionais e sistematizadas.

Ainda assim, 70% dos estudantes consideram importante que todos os colegas tenham acesso à disciplina Cultura Digital, o que revela um reconhecimento de seu valor potencial, mesmo que ainda não plenamente concretizado. Essa contradição aponta para a necessidade de ressignificar o ensino da disciplina, qualificando seus objetivos, metodologias e conteúdos para que realmente contribua para o desenvolvimento das habilidades críticas exigidas no contexto digital contemporâneo.

Esses resultados corroboram a hipótese de que a disciplina Cultura Digital ainda não tem cumprido plenamente sua função formativa no que se refere à leitura crítica, sobretudo devido às limitações estruturais e pedagógicas.

Reforça-se, assim, a importância de investimentos em formação docente, elaboração de materiais didáticos e melhoria da infraestrutura tecnológica como estratégias fundamentais para que a disciplina atue de forma efetiva na aprendizagem digital dos educandos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como educadora em uma escola pública de tempo integral, convivo diariamente com os desafios enfrentados pelos nossos jovens diante da avalanche de informações que recebem — muitas vezes sem filtro, sem crítica, sem tempo para refletir. A convivência com os alunos me mostra que, embora estejam conectados o tempo todo, isso não significa que estejam preparados para lidar com tudo o que consomem online.

Essa pesquisa nasce, portanto, do chão da escola e de uma inquietação que me acompanha há tempos: como ajudar os estudantes a enxergarem além da tela? Como fazer da escola um espaço onde eles aprendam não só a usar as tecnologias, mas a compreendê-las, questioná-las e transformá-las em ferramentas de cidadania?

Os dados levantados reforçam algo que já percebemos no cotidiano escolar: ainda há um longo caminho a percorrer para que a disciplina Cultura Digital cumpra seu papel de formar leitores críticos no ambiente digital. Isso não significa que estamos no caminho errado — pelo contrário. Significa apenas que precisamos fortalecer essa proposta, escutar mais nossos educandos, criar espaços de diálogo e investir em formação contínua para os professores que, assim como eu, estão tentando fazer da educação um ato de esperança e transformação.

Finalizo este trabalho com a convicção de que a escola tem, sim, um papel fundamental na construção de uma cultura digital mais ética, consciente e crítica. E que nós, educadores, somos peças-chave nesse processo. Sigamos, então, com coragem, afeto e compromisso, porque formar leitores críticos é também formar cidadãos mais livres — e isso, para mim, continua sendo o sentido mais bonito de educar.

REFERÊNCIAS

BAGO, Bence; RAND, David G., PENNYCOOK, Gordon. Fake news, fast and slow: Deliberation reduces belief in false (but not true) news headlines. *Journal of Experimental Psychology: General*, v. 49, n. 8, p.1608–1613, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Base nacional comum curricular: educação é a base. Brasília: MEC, 2017a.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP 15/2017 Brasília: MEC, 2017b.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.



FREIRE, P. Educação como prática da liberdade São Paulo: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LÉVY, P. Cibercultura. São Paulo: Ed. 34, 1999.

SAVIANI, D. Escola e democracia 42. ed. Campinas: Autores Associados, 2012a.

SAVIANI, D. Marxismo, educação e pedagogia. In: SAVIANI, D.; DUARTE, N. (org). Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar Campinas: Autores Associados, 2012b. p. 59-85.